

Do vinil e máquina de escrever às plataformas digitais Resenha

Gutemberg Armando Diniz Guerra

PROENÇA, Edgar Augusto. **Assino embaixo**. Belém: Amo Editora, 2024.

Os primeiros textos de “Assino embaixo” me fizeram recordar o ouvinte que fui, desde que cheguei em Belém, em 1986, da voz empostada de Edgar Augusto apresentando a *Feira do Som*, duradouro programa de rádio que ia ao ar sempre entre meio dia e duas horas da tarde, de segunda a sexta feira. Havia ainda as repetições em outros dias e horários que variaram ao longo dos 50 anos de edição daquele noticioso musical dirigido a um público que se recusava ao envelhecimento como uma espécie de Peter Pans tropicais.

A ilustração da capa com a estatueta do autor em um pedestal representando um disco de vinil sobre um gramofone, uma placa celebrando os 50 anos da *Feira do Som*, com o homenageado trajando roupas simples, camisa sobreposta com um colete, óculos e chapéu de palhinha, demonstra o cuidado estético com a publicação. Senti falta, tanto na capa quanto nas fotografias que vem no livro, de créditos e legendas identificando as pessoas, o que certamente mostra a intimidade com o pretendido público leitor belenense. Para mim e outros que, embora vivendo a tanto tempo na cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará, acredito que possam sentir a mesma necessidade que eu dessas informações.

Tanto quanto a *Feira do Som*, o livro “Assino embaixo” reflete a cultura musical do autor tanto quanto as representações dos jovens sobreviventes dos anos 60 com seus cabelos longos, rebeldias sonoras e protestos pelo direito à expressão de ideias e ideais, o que tinha sido vedado aos jovens até aquele momento.

O mundo passou por profundas transformações na segunda metade do século XX e início do XXI, periodizado genericamente como o Pós Segunda Grande Guerra Mundial. As crônicas de Edgar Augusto trazem registros e comentários sobre esse período de mudanças com os detalhes de quais foram elas, todas sentidas pela percepção acurada do cronista e comentadas em uma linguagem que o aproxima dos leitores pela simplicidade e objetividade com que constrói sua narrativa.

Muitas dessas mudanças e algumas permanências são contadas quase como cochicho, em um tom de revelação de segredos, envolvendo os leitores em cumplicidade,

pois que embora veniais, não deixaram de ser transgressões que naqueles tempos eram percebidas e justificadas como “coisa de jovens”. Apesar dessa justificativa, não deixavam de ser desvios, confessa ele muito apropriadamente.

Talvez por seu perfil de jornalista, os fatos são narrados com detalhes precisos de identificação de local, situação temporal, agentes responsáveis pela ação e os motivos que os teriam levado a praticá-las. Se isso dá nitidez e credibilidade ao narrado, não deixa de ter um caráter denunciatório, embora confessional no sentido de que vem com uma pitada de contrição, entregando-se a si mesmo e a alguns dos delinquentes em seus pequenos e muitas vezes irrelevantes cometimentos. Escrevo isso assumindo, eu mesmo junto com o Edgar, uma espécie de *mea culpa* de nossa geração em suas irreverências inconsequentes ou sem consequências maiores e que não levavam a ferimentos nem a óbitos. Entradas clandestinas em festas da burguesia local, jogo de futebol nos corredores do Palácio do Rádio com lances de quebras (ou gols) de placas dos vizinhos, peças pregadas em salas de aula fugindo ao controle e até desestabilizando emocionalmente professores, pisada involuntária em pé de celebridade, infração de trânsito com direito a multa e apreensão do veículo, visita à prisão para relatar o crime de um jogador de futebol por assassinato de uma prostituta em briga de cabaré... Estes são apenas alguns dos fatos narrados, a maioria com humor e alguns com envergonhada minimização ou assumindo as culpas, sem medo da autocensura nem do patrulhamento e tampouco dos julgamentos que possam ser feitos da militância de cada segmento ao qual pertencem os envolvidos.

Não faltaram declarações de afeto aos seus colegas de infância, adolescência maturidade e convivências em residências, escolas, ambientes profissionais, clubes, estádios e bares, incluindo-se obituários registrando as viagens de entes queridos para o plano da leveza.

O saudosismo é uma marca declarada com insistência nos textos do cronista, mas deveras importante registro das transformações tecnológicas, principalmente no setor dos equipamentos eletrônicos utilizados pelo radialista e amante da música, tanto quanto pelos cidadãos em geral. Aqui e ali ele lembra da máquina de escrever, instrumento fundamental do exercício dos jornalistas em suas frenéticas e aceleradas produções de texto. Em “Meu presente de natal inesquecível”, nas páginas 121 e 122, ele fala desde os LPs (Long Plays), Fitas cassete, CDs (Compact Disc), pen drives, celulares e plataformas digitais, demonstrando intimidade com o assunto, embora com evidente desconforto pela dificuldade de acompanhar o acelerado processo evolutivo nesse segmento. Esse lamento se reforça logo depois na crônica “Maldito Prego”, em que o advento dos carros elétricos

ameaçando o fim dos tradicionais movidos a combustíveis fósseis se torna realidade cada vez mais presente. Identifico-me plenamente com os textos no sentimento de irritação e uma boa dose de romantismo com estas transformações aceleradas comuns ao modo capitalista de produção e ao consumismo que predominam no mundo contemporâneo.

Termina-se a leitura desse conjunto de sessenta e uma crônicas biográficas, redigidas na primeira pessoa do singular, conhecendo-se elementos fundamentais da mentalidade da geração e dos tempos vividos pelo autor no final do século XX e início do XXI, mas também ficamos íntimos dos dados estruturais de Edgar Augusto Proença, belenense, casado, pai de três filhas, neto do Mangueirão (seu avô Edgar Augusto Proença dá nome ao famoso estádio), filho do jornalista Edyr Proença e irmão do escritor de mesmo nome do pai, torcedor apaixonado do *Quem são Eles*, tradicional bloco carnavalesco do Umarizal, do paraense Clube do Remo (Leão), do Botafogo de Futebol e Regatas, do Rio de Janeiro (Fogão), trabalhador assalariado, professor, produtor, jornalista, cronista do Diário do Pará, locutor esportivo da PRC-5 e de programas da Rádio Cultura versando sobre músicas a partir dos anos 50 do século passado, morador da Avenida Doca de Sousa Franco, tendo habitado em outros lugares icônicos do centro da cidade das mangueiras. Avesso a comidas sofisticadas e a andar de bicicletas, continua resistindo e fazendo uso de cabelos longos e barba grisalha, estilo despojado no vestir, o que me traz à lembrança um vocativo e saudação carinhosa que tínhamos entre nós, dessa geração que “amava os Beatles e Rolling Stones!” _Diga aí, playboy! Correndo o risco de aleivosas interpretações semânticas, considero Edgar Augusto uma espécie de simpático e romântico playboy trabalhador!

“Assino embaixo” é um corajoso documentário memorial de costumes de uma geração e será material preciosíssimo para quem estuda o tema ou quer conhecer como vivemos e atravessamos essas turbulentas décadas nessas paragens amazônicas. Quem ler vai querer saber mais da produção desse famoso radialista que tem nessa obra resenhada o seu terceiro livro publicado!

Gutemberg Armando Diniz Guerra - Doutor em Socio Economie Du Developpement pelo Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales, França- 1999

Recebido: 22/06/2024

Aprovado: 17/08/2024